

INTRODUÇÃO

A tradição de se retratar o que entendemos ser, contemporaneamente, os elementos que compõem a biodiversidade, advem de período remoto; egípcios, gregos, árabes, indianos, dentre outros povos de tradição ocidental e oriental, legaram-nos exemplos de registros atinentes ao tema, geralmente ligados aos cultos religiosos ou ao espírito utilitarista em relação aos bens naturais. Entretanto, fôra no período renascentista (aproximadamente fins da Idade Média a meados do século XVII) que se iniciou a sistematização da prática dos registros iconográficos da natureza. Neste contexto, a conjugação entre o rigor técnico da representação e a cientificidade a ela conferida se traduzia na busca do conhecimento amplo destes elementos, atitude investigativa que, já no início do século XVI, esboça os antecedentes do pensamento enciclopedista, o qual fundamenta a ação iluminista de compilar todo conhecimento sobre o mundo.

Esta tradição, conquanto em pleno desenvolvimento no continente Europeu quinhentista, chega tardiamente a Portugal, cujo principal pólo produtor de conhecimento à época, a Universidade Coimbra, permanecia orientada, até a reforma pombalina (1772), por ditames jus-teológicos. Desta reforma, baseada em interesses políticos de melhor explorar os territórios ultramarinos portugueses e de prover ao País adequação tecnológica dos meios de produção, nascem as viagens filosóficas ao Brasil, cujo ideário era “identificar, registrar, comparar, classificar, reproduzir, de modos a formar com a maior diligência possível uma exacta história natural de tão vasto continente”, conforme menção dos registros oficiais de então. Exemplo deste espírito investigativo foi a “Viagem Filosófica ao Brasil”, realizada por Alexandre Rodrigues Ferreira (1756 — 1815), que percorreu o interior da Amazônia até ao Mato Grosso entre 1783 e 1792, durante a qual registrou a agricultura, a fauna, a flora, a etnografia, a geologia dentre outros aspectos do que se considerava à época a Filosofia Natural.

Após o fim das guerras napoleônicas este cenário se modifica intensamente. Segundo relato de Rubens Borba de Moraes (1899 – 1986), a abertura dos portos (1808) propiciou, no século XIX, a passagem de cerca de 226 viajantes pelo

Brasil. Muitos dos quais relataram e retrataram a natureza do País. As primeiras representações do Cerrado brasileiro datam da época. Organizados em expedições científicas ou em projetos individuais, pode-se traçar um quadro cronológico razoável das iniciativas de representação do Bioma Cerrado a partir dos registros dos naturalistas viajantes do século XIX.

Temos em Augustin François César Prouvençal de Saint-Hilaire (1779 - 1853), o pioneirismo nas expedições e conseqüentemente nos registros sobre a região Centro-Oeste brasileira no século XIX. A primeira viagem do naturalista, incorporada à missão extraordinária do duque de Luxemburgo (cujo objetivo era a resolução do conflito que opunha Portugal e França quanto à posse da Guiana), iniciou-se em julho de 1816 e foi concluída em junho de 1822. A permanência na região se deu de maio a setembro de 1819, período no qual registrou, além de hábitos e costumes dos habitantes locais, a flora da região compilada e publicada sob o título *Flora Brasiliae Meridionalis* (1825-1833).

A comissão científica austro-bávara chefiada pelo médico e botânico Carl Friedrich von Martius (1794-1868) e pelo zoólogo Johann Baptist von Spix (1781-1826), patrocinada por Maximiliano José I da Áustria quando do contrato de casamento de sua filha, a arquiduquesa Maria Leopoldina, culminou em um dos mais significativos empreendimentos científicos do século XIX, o qual despertou o interesse, sobre os trópicos, de uma geração de naturalistas viajantes. A iniciativa destes viajantes naturalistas ocorreu de julho 1817 a junho de 1820, cerca de um ano após a passagem de Saint-Hilaire pela região. O período de permanência no Cerrado se limitou a setembro de 1818.

Em sequência temos: William John Burchell (1781 - 1863), botânico inglês que veio ao Brasil em 1825, como membro da missão inglesa de reconhecimento da Independência, e viajou do Rio de Janeiro ao Pará, com interesse de coletar e registrar plantas tropicais. Permaneceu no Estado de Goiás entre 1827 a 1829, legando-nos importantes registros sobre o Estado. Johann Baptist Emanuel Pohl (1782 - 1834), botânico e geólogo Austríaco, integrante do séquito da Princesa

Leopoldina, o qual durante o período compreendido entre dezembro de 1818 e junho de 1820, registrou a flora de Goiás, publicando os resultados de seus estudos na obra *Plantarum brasiliae ícones et descriptiones hactenus ineditae* (1827-1831). George Gardner (1812 - 1849), o qual publicou *Travels in Brazil* (1816-1841), cujo propósito era “(...) fazer a descrição de uma grande porção desse interessante país, da qual ainda ninguém deu conta ao mundo”. François Louis Nompard de Caumont La Force, conde de Castelnau (1810 - 1880), cujos registros de Goiás datam de sua passagem pela região entre fevereiro a dezembro de 1844.

O legado destes viajantes e o espírito científico que os orientava, ao qual se alinha o apuro técnico da representação, orienta de diferentes modos o nosso entendimento sobre a região no século XIX e, de igual modo, os registros iconográficos sobre a diversidade biológica na contemporaneidade. A exemplo das grandes exposições internacionais relativas ao tema, a Exposição Nacional de Ilustração Científica, em sua terceira edição, abriga tanto a Ilustração Científica, em sentido restrito (olhar sujeito a metodologia científica como critério de representação), quanto a Arte Naturalista (representação iconográfica, cuja elaboração exige apurado rigor técnico, dos elementos que compõem a diversidade biológica). Considera-se, neste contexto de divulgação da ciência (quer pelo olhar do cientista-ilustrador ou do ilustrador-naturalista), toda representação gráfica ou artística que se aplique à disseminação de conteúdos advindos dos resultados que a Ciência gera e que utilize precisão (conceitual e metodológica) na informação visual a ser comunicada.

Zenilton de Jesus Gayoso Miranda, Brasília 2010